QUARESMA ·C
EDITORES
RIO
CHÔROS
AO
VIOLÃO

BIBLIOTHECA DA LIVRARIA DO POVO

Chôros ao Violão

NOVISSIMA E ESCOLHIDA COLLECÇÃO

de

Modinhas Brasileiras

Contendo as mais populares, conhecidas e apreciadas modinhas brasileiras com a indicação das musicas com que devem ser cantadas.

Escriptas e collecionadas

por

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Auctor do "CANCIONEIRO POPULAR"

RIO DE JANEIRO

Livraria do Povo—QUARESMA & C. Livreiros-Editores

65 e 67, RUA DE S. JOSÉ, 65 e 67

—

1902

O Cavaquinho

AOS AMIGOS GALDINO E MARIO

Meu cavaquinho choroso,
temos noite de luar!
Eu ando triste e saudoso,
por isso vamos chorar.

Repara que a noite bella
as tuas cordas prateia!..
Vamos trillar-lhe á janella,
Que é noite de lua cheia.

As tuas cordas são fibras
de tua alma chrystallina,
vae contar-lhe as maguas dibras
nos threnos que a noite afina.

Tu tens lagrimas nas cordas,
quando em mim tu te debruças!
Quantas lembranças me acordas,
se sob o plectro soluças!

Quando tristonho, indeciso,
o seu rigor me maltrata,
meu coração tranquillizo
n'um teu gemido de prata.

Os teus suspiros macios,
quando tu planges sosinho,
parecem dolentes pios
de uma ave que não tem ninho.

Tua alma indiscreta, incauta,
que só me entende a canção,
conhece as queixas da flauta,
as maguas do violão.

Se falas em doce acorde,
se tu gemes ao luar,
de inveja o *pinho* se morde,
por não poder te emitar!

As tuas maguas transbordas,
quando em mim tu te debruças!
Quantos soluços acordas,
quantos acordes soluças!

Meu cavaquinho adorado,
tu não padeces sosinho !
Eu tambem vivo isolado !...
Chora, chora, ó cavaquinho.

Mais que a viola, fagueiro,
tu choras no teus accentos !..
Tu és o mais brasileiro
de todos os instrumentos.

Tu nos falas das ternuras
de um amor lento e penado
nas argenteas fioritnas
do teu suspiro chorado.

Traduze em nota amorosa,
n'um meigo acorde revela
essa Canção languorosa
que ouviste dos labios della.

Lua cheia !.. e já deliras
neste penar, que é tão agro !..
Chora a walsa em que suspiras
todo o amor que eu lhe consagro.

DO AUCTOR

Ao Sereno

Acorda, Indolente,
que a lua fluctua
na tua janella,
cerrada ao luar!
Em noite tão bella,
por ella inspirada,
vem tu, doce amada,
de amores falar.

Tu dormes, ingrata,
com flores, primores,
amores sonhando,
Sorrindo ao prazer!
Mas eu, suspirando,
chorando, carpindo,
saudades sentindo,
só quero te ver.

Os sons merencoreos,
saudosos, morosos,
queixosos da lyra
morrendo já vão!.
Meus carmes inspira,
Zulmira!... Plangendo,
descanto, gemendo
na minha canção.

Á noite estrellada,
silente, cadente,
dolente, teus cantos
almejo escutar !
São tristes meus prantos,
são sanctos ! . . Desejo,
no fogo de um beijo,
comtigo sonhar !

DO AUCTOR

Musica do mesmo

A Canção do Africano

(O BATUQUE)

1.º

Ai como eu sei te amar, etc.

2.º

Não sinto o negro crime etc

1· ESTRIBILHO

Accolhe, ó patria amada etc

3º

Eu chóro o meu destino etc

4º

Eu sinto acerbo espinho etc

2· ESTRIBILHO

Eu chóro, ó patria ingrata,
Calado e só !
A dor assim maltracta,
longe da inzó !
Minh'alma se desata
do terreo pó ! . .
O' morte, vem, me fere e mata ! . .
Martha, de mim tem dó ! !

5º

Ai, tu partir-me viste
para soffrer !
Minh'alma não resiste ! . .
Quero morrer ! . .
Penar assim é triste ! . .
P'ra que viver
neste amargor sem fim ! . .

6º

Minha *jupá* tão bella etc

3· ESTRIBILHO

Accolhe os pobres cantos,
que d'alma são !
Vem dar-me os labios santos,
me extende a mão !
Meus ais são tantos, tantos !
Quebra o grilhão !
E vem seccar n'um beijo os prantos
deste meu coração.

7º

Quando o luar prateia etc.

8º

Quàndo a *macumba* chóra,
minh'alma vê
toda a passada aurora
da minha *ilê*,
e na *marinha* implora
que a dor lhe dê
azas p'ra ver-te alem !

4· ESTRIBILHO

E basta de maldade,
basta, ó senhor !

E' grande esta saudade !
grande esta dor !
A tua crueldade
me faz horror ! . .
Ai, *Zambi* atroz, não tens piedade
deste infeliz amor !

9º

Ai, Congo meu fagueiro etc

10º

Astros do ceo nublado etc.

5· ESTRIBILHO

Accolhe ó patria amada etc

Do Auctor.

OBSERVAÇÃO

Julguei desnecessario reproduzir por extenso todas as estrophes que o leitor encontrará no meu *Cancioneiro Popular,* e de cada uma das quaes apenas vae aqui o primeiro verso, para mostrar a ordem em que devem ser cantados. Escrevi mais tres estribilhos, repetindo o primeiro, que é cantado após as duas primeiras estrophes, e no final da decima. Creio não carecer o leitor de mais explicação, pois que nada modifiquei. Accrescentei mais duas estrophes, que são cantadas com a musica da primeira parte, e os tres estribilhos, cantados tambem com a mesma musica dos outros. A canção é assaz conhecida para extender-me em outros esclarecimentos.

Odio

LUNDU'

Eu tenho gana
do teu sorrir...
Paixão insana
me faz sentir.

Fico damnado
Com teu andar,
pois que pasmado
me faz ficar.

Tu ja nasceste
p'ra meu tormento!
Tu me perdeste
sem salvamento.

Ao ver-te, estaco,
ja perco a acção!
Eu dou o cavaco
com a perfeição !!

Fico raivoso,
se acaso cantas!
No timbre airoso
tu me supplantas.

Não tenho calma,
se tu me falas!
Toda a minh'alma
de amores ralas.

De mim dás cabo!..
Tudo te segue!
Vai p'ra o diabo
que te carregue!!

Linda e mimosa!..
Archanjo terno !..
Váe ser formosa
lá para o inferno!

Meus ais se fartam
de te chamar!
Raios te partam,
mulher sem par!

Do Auctor.

Tu queres que eu sonhe!

(GONÇALVES DIAS)

Tu queres que eu sonhe, que ao menos, dormindo,
desfructe prazeres que nunca provei,
que ao menos nas azas de um sonho mentido,
perdido, arroubado, tambem diga : — amei!

Tu queres que eu sonhe... Nem sabes que a vida,
me corre penosa, de amarga illuzão!
No pallido rizo de um'alma affligida,
que envida ser leda, que dores não vão !

Sonhando, percebo na mente agitada
um mar sem limites, aos raios do sol,
e um marco não vejo perdido na estrada
cançada... não vejo longinquo pharol.

E queres que eu sonhe ! Nas aguas revoltas,
se o nauta sem rumo consegue dormir,
as vagas cruzadas, em sustos envoltas,
ás soltas, escuta raivosas bramir!

Talvez, porem, sonhe que as ondas mendaces
o levão domadas, que entra em seus lares,
mas triste desperta, que os ventos fugaces
nas faces a espuma lhe atira dos mares.

Se queres que eu sonhe, que alguma alegria
dormindo conheça, de um placido amor,
Vem tu como estrella de noite sombria,
que enfia os seus raios das noites no horror.

Brilhar em meus sonhos!.. talvez socegado,
scismando prazeres n'um riso dos teus,
coberto o meu roste, fugisse o meu fado,
quebrado aos encantos de um anjo do ceos.

Vem juncto a meu leito, quando eu fôr dormido,
teu halito inspire *-não soffro-* direi!
E, ao menos, nas azas de um sonho mentido,
perdido, arroubado, talvez diga- amei!

Com leves toques do auctor, para poder adaptar-se á musica com que é cantada.

Meu Barco

Meu barco é veleiro
e singra ligeiro
ao sopro grosseiro
do rijo tufão !
E eu, sem receio,
das ondas no meio,
tomando do veio,
lhe dou direcção.

Sem dôr e sem maguas,
zombando das fragas,
no meio das aguas
sou mais do que um rei !
Os ventos me falam,
as ondas me embalam,
e as vergas que estalam,
jamais receei.

Vem, pois, minha amada,
viver encantada,
commigo embalada
no barco que é meu!
E o nauta afamado,
de ti sempre ao lado,
verás desvelado,
que o nauta sou eu.

Meu barco é veleiro
e singra ligeiro
ao sopro grosseiro
do rijo tufão!
E eu, sem receio,
das vagas no meio,
nos versos me enleio
de minha canção.

—

Morena

Morena, bella morena,
vaidosa de teus encantos,
desdenhas amar, creança,
meus puros affectos, sanctos.

Morena, sentiste
ao romper da aurora,
nos valles de Flora,
perfumes de amor?
Já viste a rolinha,
que o canto desata,
e os pingos de prata
no calix da flor?

Doe-me tanto a desventura
do meu viver isolado,
que sonho gosos infindos,
sonho viver a teu lado.

Na trança setinea,
na face mimosa,
nos labios de rosa,
que estão sempre a arder,
eu vejo o meu fado,
sorrindo entre anhelos !
Encantos tão bellos
de um negro viver.

Nas ondas do mar revolto,
na branca areia da praia,
se o teu perfil se desenha,
de goso a lua desmaia !

A tantos affagos
não sejas esquiva,
não sejas altiva,
não sejas assim !
De tantos tormentos,
morena, tem pena !
Morena, morena,
tem pena de mim.

—

Quando os meus olhos...

Quando os meus olhos te viram,
perdido de amor fiquei,
meu coração delirava...
Meus suspiros abafei.

Tu eras bella e mimosa,
mimosa e bella tu eras,
gentil, faceira, elegante...
Tinhas quinze primaveras.

Mas, hoje, que esta belleza
perdeu seu viço e primor,
eu inda muito te quero,
porque consagro-te amor.

Por isso não tenhas medo
do meu triste suspirar!
São dores que estão occultas,
e que não devo contar.

ESTRIBILHO

Não fujas assim de mim,
pois eu te trago na mente!
E'grande, é firme este amor
que por ti meu peito sente.

Amargura Suprema

Pede ás flores perfumes odóros,
pede aos astros sidereo fulgor,
pede ás aves poemas canoros,
pede ás fontes queixumes de amor.

Pede á lua serena poesia,
pede ás brisas queixosa canção,
pede ao sol fulgurante magia,
pede ás rôlas ternura e paixão.

Pede aos echos um canto maguado,
pede encantos ás bellas phalenas,
sonorosa lembrança ao passado,
pede amores ás noites amenas.

Pede ao mar quietação e bonança,
pede á flauta caricias, affagos,
pede ao ceo, sorridente esperança,
murmurejos ás lymphas dos lagos!

Mas ao triste não peças um canto,
que elle um ai já não pode exhalar, !..
Affogado nas ondas do pranto,
vive o bardo em constante chorar!

(IMITAÇÃO, DO AUCTOR.)

A Walsa

Amei-te em silencio,
sincero, constante,
meu peito de amante
bateu só por ti!
Votava-te um culto
tão puro e sagrado...
Mas eis-me acordado!...
Meus sonhos perdi.

Foi hontem no baile!..
Teu vulto perpassa,
voando na walsa,
n'um gyro veloz!
Eu triste e calado,
da sala n'um canto
vertia meu pranto
de dores, atroz!

Teu par enlaçavas
nos estos dos gyros!..
Meus flebeis suspiros
gemiam no ar!
A dor latejava
nas ancias do peito!..
Meu sonho desfeito!...
Minh'alma a chorar!

Eu vi que o maldicto
beijava-te a face
n'um beijo fugace
de infame, traidor !
Libava-te o nectar
dos labios odóros
n'uns beijos sonoros
de perfido amor.

Meus sonhos cahiram
da dor no infinito !
Feliz, o maldicto
me via soffrer !
A walsa, em que, infida,
me foste atrozmente,
não sae desta mente ...
não posso esquecer...

E jazem por terra
de amor os delubros !..
Teus labios tão rubros
me foram punhal !
Do ceo constellado
de rosea esperança,
só resta a lembrança,
da noite fatal !

DO AUCTOR.

Musica da modinha — Eu vi-te sorrindo, voando na walsa.

Partida do Sertanejo

Por mil dores macerado,
da minha aldeia parti,
e, fugindo apaixonado,
quiz esquecer-me de ti.

Mas a saudade tyranna,
que mais conturba a razão,
me faz lembrar-te, ó serrana
com mais ancia e coração.

No viso de um monte alpestre,
onde mil gosos frui,
ficou-me a choça sylvestre,
berço amado em que nasci.

Já não vejo o gado manso
que ella vinha apascentar,
nem a fonte em que descanço
vinha á tarde procurar.

Parti chorando, da aldeia,
toda a gente a soluçar !...
Despontava a lua cheia....
Que prantos tinha o luar !....

A deus, ó choça do monte,
manso gado, amores meus!..
Saudosas nymphas da fonte!
O'noites de lua, adeus!

DO AUCTOR.

Musica da modinha — Eu parti da minha terra.

—

Um Sonho

Tive um sonho dulçoroso,
fui ditoso,
fui feliz no meu sonhar!
Não te vi cruel, esquiva,
mas captiva,
sorridente a me falar!!

Vi teus lábios solettrarem,
suspirarem
juras mil de sancto amor!
E nos meus labios sedentos,
por momentos,
se collarem, meiga flor!

Tu dizias que me amavas,
protestavas
viver só, mas só p'ra mim!
Tu me deste mil venturas
nessas juras
que tiveram logo fim!

Nas palavras que dizias,
melodias
dos archanjos escutei!
Desse elance ao ceo de amores
quantas dores
não senti, quando acordei!

Tive um sonho dulçoroso,
fui ditoso,
fui feliz no meu sonhar!
Não te vi cruel, esquiva,
mas, captiva,
sorridente a me beijar!

Fui ditoso, mas sonhando,
que, acordando,
vi-me escravo da illuzão!..
Triste e só no pobre leito!..
Frio o peito!..
Desolado o coração!!

DO AUCTOR.

Musica da modinha — A brisa dizia á rosa, de Taffi.

Cantemos, Saudade

Cantemos, Saudade,
que a noite convida!...
Vem, *lyra* querida,
Commigo chorar!...
Nas tuas seis cordas
a lagrima harpeja!...
Meu pranto gotteja
fulgindo ao luar!

Farpante Saudade
meu peito adolora!...
Lembranças de outr'ora...
do ameno gosar!!
Dos dias tecidos
n'uns sonhos de ouro,
desfeitos no choro,
coado ao luar!

E tu, que no leito
matizas teus sonhos,
não ouves tristonhos,
descantes de amar!
Que as dores, que as maguas
cantando suavise...
que o pranto deslise,
filtrado ao luar!

As notas pungidas
vão graves morrendo !
Nos seios plangendo
lateja o penar !
Minh'alma se alando
nos langues desmaios,
se embebe nos raios
do branco luar!

DO AUCTOR

Musica do mesmo.

—

Consolação nas Lagrimas

(GONÇALVES DIAS)

Como é bello, á meia noite,
o azul do céo transparente,
quando a esphera d'alva lua
Vagueia mui docemente !
Quando a terra não ruidosa,
toda se cala dormente,
quando o mar, tranquillo e brando,
n'areia chora fremente.

Como é bello este silencio,
da terra, toda harmonia,
que aos céos a mente arrebata,
cheia de meiga poesia !
Como é bella a luz que brilha
do mar na viva ardentia !
Este pranto como é doce,
que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda,
que enruga a face do mar,
que na terra passa e morre
sem nas folhas sussurrar !
Os sons d'areo instrumento
quizera agora escutar,
quizera maguas pungentes
neste silencio olvidar.

Nada é melhor que este pranto
em silencio gottejando,
meigo e doce, e, pouco a pouco,
do coração despegado !
Não sôro de fel, mas sancto
frescor em peito chagado !
Não exprimido entre dores,
mas quasi em prazer coado.

Rosa no mar

(GONÇALVES DIAS)

Por uma praia arenosa,
vagarosa,
divagava uma donzella.
Dá largas ao pensamento.
Brinca o vento
nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante
vem n'um instante,
que n'outro instante se alisa !
Mais veloz que a sua idéa
não volteia,
não gyra, não foge a brisa.

No virginal devaneio,
arfa o seio,
pranto e riso se mistura !
Doce rir, dos céos encanto,
doce pranto,
doce pranto que não dura.

Nesse logar solitario,
seu fadario,
de ver o mar se recreia,
de o ver á tarde, dormente,
docemente
suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
divagava
em seu pensar embebida.
Tinha no seio uma rosa
mui formosa,
de verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
quando a rosa
do seio no chão lhe cáe.
Vem um'onda bonançosa,
que, impiedosa,
a flor comsigo retrae.

A meiga flor sobrenada.
De agastada,
a virgem a não quer deixar...
Boia a flor: a virgem bella
vae traz della,
rente, rente á beira mar!

Vem a onda bonançosa,
vem a rosa !...
Foge a onda, a flor tambem !
Se a onda foge, a donzella
vae sobre ella,
mas foge, se a onda vem !

Muitas vezes enganada,
de enfadada,
não quer deixar de insistir.
Das vagas menos se espanta...
Nem com tanta
presteza lhes quer fugir.

Nisto, o mar que se encapella,
a virgem bella
recolhe e leva comsigo !
Tão fallaz em calmaria,
como a fria
pallidez de falso amigo!

Nas aguas alguns instantes,
fluctuantes,
nadaram brancos vestidos !
Logo o mar todo bonança,
a praia cança
Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
foi ouvido !...
Ia a noite em mais de meia !
Toda a praia perlustraram,
só acharam
rubra flor na branca areia.

Musica da modinha « A brisa dizia á rosa ». E' do inspirado Taffi, que é auctor de outras primorosas, que conhecemos.

—

Pastorinha

Pastorinha, tu que fazes
cá tão longe do logar,
todo o dia, emquanto trazes
no monte o gado a pastar?

Fecha-te o mundo esta selva,
nem delle os sons aqui vêm,
e tu sentada na relva
tantas horas sem ninguem!

Na roca tens companheira,
mas nesses dias que vão,
se bem fias, fiandeira,
Vae-se a estriga ou cança a mão!

Malmequeres desfolhados
tens no regaço e nos pés!
São já folhas de cuidados,
ou desejo que mal vês?

Ai, pastora, tu córaste,
e vejo no teu rubor,
que, se o teu gado guardaste,
não te guardaste do Amor!

—

Ha muita sombra

(TOBIAS BARRETO)

Ha muita sombra, meu amor, no valle,—
no valle agreste, em que medito a sós,
muita delicia que enlanguece os olhos,
e muita flôr para cuidar de nós.

Ali, nós ambos, pelo ceo guardados,
do amor mais puro no encantado abrigo,
tu me dirias: Em que tanto scismas,
abre o teu livro, quero ler comtigo.

De nossas almas na linguagem mystica,
falando, prezos de amoroso enleio,
eu te pudera desvendar minh'alma,
tu me puderas revelar teu seio.

ESTRIBILHO

E nessas horas em que o ceo é calmo,
ao vago anhelo dos suspiros meus,
eu juntaria tuas mãos de seda,
mãos de creança, para orar a Deus.

Musica da modinha — E' tarde, é tarde, etc.

—

Alzira

Alzira, meu anjo,
meus cantos escuta !
É grande esta lucta
que eu tenho por ti.
Vem dar-me soccorro,
que eu peno de amores...
Abranda-me as dores,
que a calma perdi.

Tormentos, martyrios,
angustias padeço,
porque não me esqueço
de teu sancto amôr !
Vem dar-me soccorro!
Escuta meus cantos...
Tem pena dos prantos
do teu trovador.

Eu amo os teus olhos,
teu rosto moreno,
teu ar tão sereno,
teu lucido olhar!...
Eu amo teus labios,
vermelhos, corados!
São astros banhados
na luz do luar !

Teus lindos cabellos
são férreas cadeias !...
Com elles me enleias
em forte prizão !
São elles somente
meu sonho fagueiro...
Que bom captiveiro...
Que doce grilhão !

Por um de teus beijos
daria o futuro;
um beijo é tão puro
de uns labios assim !
Mas tu, minha Alzira,
faceira e morena,
bem sei, não tens pena,
não tens, não, de mim.

Quem sou para amar-te,
tão triste e mesquinho,
se nem um carinho
me é dado obter !
Quem sou para amar-te,
se trago commigo
meu fado inimigo,
meu trêdo soffrer ?

Sou pobre, não tenho
um canto p'ra dar-te !...
Só posso adorar-te
nas ancias do amor !
A lyra, que outr'ora
de amores cantava,
não mais canta, escrava
tornou-se da dôr.

Se queres que um canto
saudoso desfira,
vem tu, minha Alzira,
meu peito afinar !
vem logo, não tardes,
vem dar-me um alento,
que o meu pensamento
não quer te deixar. (1)

DO AUCTOR

Musica da modinha: — As horas que eu passo comtigo na mente.

---

(1) Uma incorrecção consciente.

Conselho

Põe na vírtude,
filha querida,
de tua vida
todo o primor.
Não dês á sorte,
que tanto illude
sem a virtude,
algum valor.

Tudo perece,
murcha a belleza,
foge a riqueza,
esfria amor,
mas a virtude
zomba da sorte
e até da morte
disfarça o horror.

Brilha a virtude
na vida pura,
qual na espessura
do lirio a côr !
Cultiva attenta,
filha mimosa,
sempre viçosa,
tão linda flor.

Desditada

Sosinha, ao desamparo ella vivia
nesse pobre casebre abandonado :
não conhecera pae nem mãe : doía
fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
para os descantes da festiva aldeia :
e comsigo a mesquinha suspirava:
Doce Jesus, porque nasci tão feia ?

Quando a lua no ceo azul surgia,
de alvor banhando a murmura deveza,
no postigo do albergue a sós gemia
triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deos, emfim ! Quando passava
o singelo caixão na triste aldeia,
melancholico o povo murmurava :
Vae tão bonita! Olhae ! Era tão feia!

—

Quem És ?

Quem és, archanjo sublime,
mimosa flor da natura ?
Da flor do prado és rainha,
do prado a rosa mais pura !

D'alva estrella scintillante
se vem nascendo um clarão,
o teu mimoso sorriso
se derrama na amplidão.

De teu olhar se irradia
ardente fogo de amor,
da flôr do prado és rainha,
do prado mimosa flôr.

Deste pomar és a rosa,
primorosa, ingenua flôr !
Tens do prado a primasia,
da rosa o divino olor !

Dormindo

Dormia ! Que somno ! Que doce dormir !
Palpita-lhe o seio, pauzado, de leve !
A bocca entre-aberta ! Que dentes de neve
dos labios, a furto, lhe deixa surgir !

Envolta, sem arte, na branca roupagem,
as fórmas realça do corpo gentil !
Em sonhos descóra ! Que pallida imagem !
Depois estremece ! Que somno febril !

Suspira .. boceja.. murmura.. sorrio !
Exhalam seus labios o aroma do nardo !
« Sim, amo-te», disse. «Eu amo-te, ó bardo !
Amemos » .. e o peito com as mãos comprimio.

Arqueja .. soluça.. e um novo bocejo
espalha o aroma do nardo em redor !
Desperta, ! Em meus braços furtava-lhe um beijo ! !
Ninguem me condemne, que o réo foi amor.

—

Não Perguntes

Não direi como eu te adoro,
porque gemo e porque choro,
quando é noite de luar !
Fere a lua as chagas d'alma,
mas consola, mas acalma,
quando a gente sabe amar ! !

No silencio, em soledade,
lembra o bardo com saudade
tantos sonhos que perdeu !
Suspirando, desolado,
cadencia um ai maguado
no chrysol do peito seu.

Juro então sempre encontrares,
da saudades nos altares,
esse amor que eu te votei !
Eis porque soffro e padeço,
porque de ti não me esqueço,
nem jamais me esquecerei ! !

O bardo sente na calma
que a lua remexe n'alma
com seu marfineo pallor !
A mente alada insinúa !...
Eis porque a noite de lua
relembra o primeiro amor.

Não me perguntes se a magua
faz os olhos rasos d'agua,
como os sinto agora aqui ! !
Nas minhas nocturnas preces,
emquanto de mim te esqueces,
eu me recordo de ti !

DO AUCTOR

Musica da modinha — Sympathia é um sentimento, de Cazemiro de Abreu.

—

A côr Morena

(IMITAÇÃO)

A côr mais bella,
mais linda, amena,
és tu, cannella
da côr morena!

A côr da lua
pura e serena
não chega á tua,
ó côr morena!

Á côr do dia,
minha pequena,
falta a poesia
da côr morena!

Branca, nevada,
alva açucena,
és a creada
da côr morena!

Á côr do leite,
côr de quem pena,
falta o enfeite
da côr morena.

Ninguem de gosto,
minha Sirena,
despreza o rosto
da côr morena!

Só ella ás dores,
feroz, condemna!..
Mata de amores
a côr morena!

E deste modo
te adoro, Helena!..
Sou todo, todo
da côr morena!

ESTRIBILHO

Pereça o cravo,
morra a açucena,
que eu sou escravo
da côr morena.

DO AUCTOR

—

X...

A bocca de minha amante
é uma flor delicada . . .
Após os meus beijos quentes
fica pendida e murchada.

Dentre as flores do vergel,
é a mais pura e vermelha,
eu sou a cupida abelha,
que liba o seu doce mel !
Não creio que haja pincel,
nem colorido brilhante
que dêm o tom provocante,
a nota impressionadora..
E' um pedaço de aurora
a bocca de minha amante.

Os seus dous globos de neve
tem duas manchas escuras !....
Duas cerejas maduras !...
seu gosto não se descreve !
A cintura é fina e breve !
A perna bem contornada !
Tem uma cousa estimada,
cujo nome não sei bem,
mas, pela fórma que tem,
é uma flor delicada.

A essa flor tenho affecto,
pois quando está murcha e triste
aos beijos meus não resiste...
seu revigor é completo!
Sou jardineiro dilecto
dos seus canteiros virentes.
Ha milhões de pretendentes,
mas a flor é caprichosa,
só tem vida e está viçosa
após os meus beijos quentes.

Quando os meus labios presente,
abre as petalas de rosa!...
E' mais que o mel saborosa,
seu perfume é rescendente!
Depois, em ancia crescente,
se contorce a flor amada,
cae exhausta, extenuada,
e mais dizer eu não ouso...
só direi que, após tal goso,
fica pendida e murchada.

(Tom de fado)

—

Minha Saudade

Eu dei-te aquella saudade,
primorosa e linda flor ! !
Mas não tiveste piedade
do emblema do meu amor.

A minha flor, coitadinha !
tinha de ser infeliz ! !
Cedo se foi por ser minha !...
Tinha em meu peito a raiz !

Cultivava os seus encantos,
quando era tenro botão !
Por brisas tinha os meus cantos,
por terra o meu coração !

Perdeste a minha saudade,
uma flor tão linda assim ! !
Sem ella agora quem ha de
te dar lembranças de mim !

ESTRIBILHO

Oh, quem me dera, Sanctinha,
ai, quem me dera essa flor !
Perdeste-a só por ser minha !
Que será de meu amor !

O Acalentar da Neta

Dorme, dorme, minha neta,
senão não sou tua amiga,
dorme que eu te embalo o berço
e te canto uma cantiga.

Vae a bella dona Auzenda
Caminho de Palestina,
leva traje de romeiro,
com seu bordão e esclavina.

Dona Auzenda, Dona Auzenda,
em sabendo que és fugida,
tua mãe cahirá morta,
e tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Auzenda
quem na Hespanha morra ou viva,
vae em busca de su' alma,
que em Palestina é captiva.

De lá lhe vieram cartas
e uma carta lhe dizia :
« Teu amigo, dona Auzenda,
« chora de noite e de dia.

As cadêas não lhe pezam,
pezas-lhe tu, porque scisma
que ha de morrer sem mais ver-te,
nem ver-te quer na mourisma.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu fuso, fia, fia,
que eu canto á minha candêa,
ao pé da Virgem Maria.

Vendeu joias e arrecadas,
comprou bordão e esclavina
e trajada de romeiro
ja demanda a Palestina.

Vae pedindo pelas portas,
por sóes e chuvas caminha ;
trabalhos não a quebrantam,
com elles vae mais asinha.

Uma tarde, era sol posto,
quando avistou uma ermida,
era de Nossa Senhora,
mãe dos homens se appellida.

Os soccos descalça á porta,
ajoelha com fé viva,
pedindo lhe restitua
su' alma, que faz captiva.

Os olhos da Virgem Santa
deram mostras de affligida :
ergueu-se um vento da serra
que toda tremeu a ermida.

Coitada de dona Auzenda,
mais triste sae do que vinha :
cerrou se-lhe logo a noite...
e ella nos bosques sosinha !

Queria andar e não pôde,
que o grande escuro a tolhia;
necessitava encostar-se,
tinha medo, não dormia.

N'uma raiz pousa a face,
o côrpo em folhas reclina,
com suas penas conversa,
coitada da peregrina.

Perdi a terra e o palacio,
perdi a mãe que lá tinha,
perco-me agora a mim mesma,
e o que procurando vinha.

Dão Geraldo, dão Geraldo,
só a fé não é perdida,
pois tu sabes que te adoro,
e eu sei como sou querida.

Peço ao meu anjo da guarda,
se hei-de aqui ficar perdida,
que vá levar-te por sonhos
esta minha despedida.

Assim dizia a formosa
dona Auzenda de Molina,
e ao dizer — anjo da guarda —
lembrou-lhe a irmã pequenina.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia,
que eu canto à minha candêa,
e sou da Virgem Maria.

Então dos olhos cançados
lhe borbotou a dor viva,
e ouvio folhas abanadas,
e viu uma luz esquiva.

Logo para aquella parte,
porque o pavor a conquista,
em joelhos, com mãos postas,
de relance extende a vista.

E viu uma sombra grande,
que mui devagar caminha ;
quiz rezar, benzeu-se errado,
não deu com a— Salve Rainha.

O andar do phantasma branco
nenhum ruido fazia ;
parou e poz nella os olhos ;
mas eram terra... não via.

Extendeu-lhe os braços longos,
e co' uma voz, como brisa,
lhe diz : Eu sou dão Geraldo,
que em mim já se não divisa.

Tu buscavas o captivo,
eu procuro a peregrina,
tu'alma quer Deus que esteja
com meu corpo em Palestina.

Os nossos anjos da guarda
deram palavra sem lingua,
que a meia noite aqui mesmo
findaria a nossa mingua.

Deus, à alma envia um corpo,
e ao corpo uma alma envia...
Ja estas finaes palavras
dona Auzenda não ouvia.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia,
que eu canto ao pé da candêa
que accendo á Virgem Maria.

Tinha dado meia-noite
e dona Auzenda cahira:
ai, jaz morta dona Auzenda,
que tantas penas sentira!

Quem ha de enterrar seu corpo
nessa noite desabrida,
ou quem aos pés da Senhora
a irá sepultar na ermida?

Nessa noite, à meia noite,
indo o septe-estrello acima,
calou de repente as vozes
mocho que maguas lastima.

E o gallo, que por taes horas,
com seu canto á reza incita,
bateu as azas calado
ao pé do leito do ermita.

Tocou sem mão a sineta,
abriu-se a porta da ermida,
as velas do altar accesas,
a Senhora mui garrida.

Entrou a orar um extranho...
peregrino ou peregrina
que de tudo dava mostras...
e falava em Palestina.

Se ia ou vinha, nunca o disse,
quando o ermita o requeria,
que ora falava em ser volta,
ora falava que se ia.

E disse: a Deus me encommenda
por tres, mais tres, e tres dias,
que ao cabo de uma novena
findarão mil agonias.

Ora, nessa mesma noite,
quiz a bondade divina
que outra grande novidade
succedesse em Palestina.

Da cova de dão Geraldo,
á meia noite precisa,
surgiu um corpo defunto,
que a todos atemorisa.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu, fuso, fia, fia,
que eu canto á minha candêa,
ouça-me á Virgem Maria !

E veio um' alma voando,
que pelos ares foi vista,
Nossa Senhora a guiava,
vinha-lhe um anjo na pista.

Metteu-se dentro ao finado,
e o finado cobrou vida;
poz-se com o anjo a caminho,
à Senhora era já'ida.

Como a novena acabava,
ao cabo do nono dia,
vinha pela ermida entrando
outro romeiro á porfia.

E este, assim como o primeiro,
muito ao velho desatina,
que tambem não cáe na conta
se é romeiro ou peregrina.

Os dous romeiros se olhavam,
e a mãe dos homens sorria !
O ermita estava pasmado,
e um padre moço surgia.

Por debaixo do roquete
que era neve sem mentira,
reluziam duas azas,
ambas de prata e saphira.

Tomou-lhes as mãos direitas
com signaes de muita estima,
e disse : *conjungo-vos*,
e poz-lhe a estola por cima.

Nove annos eram passados,
e após nove annos, um dia,
quando, ao dar da meia noite,
lá na porta se batia.

Como se abriu a capella,
logo entrou por ella acima
um caixão com dous defuntos,
todo de obra muito prima.

Vinham ambos abraçados,
com mostras de quem dormia,
com c'rôas de flores brancas,
e ninguem os lá trazia.

Mãos que pegavam a argolla
eram mãos que se não viam,
nem se enxergava pessôa
nos cantares que se ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,
e tu fuso, fia, fia,
que eu canto á minha candèa
ao pé da Virgem Maria.

Foi escripta esta memoria
n'uma taboa bem polida,
qne ainda agora em Biscaya
vae-se ver áquella ermida.

A campa ficou sem nomes,
mas toda a gente dizia
que era Auzenda e São Geraldo,
filhos da Virgem Maria.

Por devoção que esse par
com o sancto rosario tinha,
inda por morte casaram,
sendo a Senhora madrinha.

Dorme, dorme, minha neta,
que tenho a rccada finda!
Amanhã, querendo a Virgem,
te direi outra mais linda-

Vá Saindo...

LUNDU'

Senhora dona Josepha,
não supporto mais a espiga !...
O feijão vae muito caro...
vá saindo de barriga.

Estou na *disga*, senhora!
fui hontem desempregado !...
Eu ando mesmo a *nênê*...
vá já saindo de lado.

Ha mais de quatro semanas
a minha vida desanda !...
A carne secca é fidalga...
vá já saindo de banda.

Não queira passar miseria ;
se tem algum pretendente,
agarre o paio de geito
e vá saindo de frente.

Saia ! saia !... sem demora !...
saia já d'aqui, mulher !
De lado, barriga, ou frente,
de banda... como quizer.

DO AUCTOR

—

Os Bichos

O' freguezia, olha os bichos,
que eu tive um sonho de truz !
Teremos hoje na ponta : —
Aguia, burro ou avestruz.

Póde dar a borboleta,
se der no *moderno* o cão !
Mas será o touro ou tigre,
se nelle der o leão.

No salteado affianço
que será cabra ou cavallo...
Agora o melhor palpite
será talvez — *vacca*, *gallo*.

Quem arriscar no macaco,
jogue n'um bicho de pêllo,
mas ao certo não affirmo,
porque póde ser camelo.

Coelho, gato, carneiro,
tambem nos merecem fé !
Mas não será muito esperto
quem deixar o jacaré.

O porco é hoje o bichano
que tenho mais carregado,
mas o perú vae na ponta,
é jogo mais acertado.

Serà tolo e muito tolo
quem não comprar no elephante !...
Esse bicho é de massada !...
Bem póde dar o tratante.

Meus bons freguezes, o urso !
No pavão ! Alerta, alerta !
Freguezia joga nelle,
que jogas hoje na certa.

Mas quem quizer fazer jogo
sem medo de ser logrado,
jogue firme e sem receio
no vinte e quatro — o veado !

Será tolo todo aquelle,
pois que apenas um lhe sobra,
que perder por um somente,
deixando de lado a cobra.

Do Auctor.

—

Beijo Criminoso

Lundú

Sinhá, ficaste enfadada
por um beijinho te dar ?
Não foi por querer, te juro,
foi só para te zangar !

Não brigues assim commigo,
que mal te fez esse beijo ?
E' só por isso que agora
tão brava, Sinhá, te vejo ?

Se tu não fechas a bocca,
se não deixas de falar,
eu vou com quatro ou seis beijos
a tua bocca fechar!

Mas, se quietinha ficares,
conforme eu peço e desejo,
eu juro não mais beijar-te,
sellando a jura n'um beijo.

ESTRIBILHO

Um beijo, sinhá, é crime!
E' se atirar no escarcéo!
Mas dez, vinte, trinta beijos
nos faz subir para o céo.

As Borboletas Azues

LUNDU'

Queres saber porque os poetas,
que tanto gostam de luz,
nos dizem que as borboletas
mais bellas são as azues?

Eu vou dizer-t'o sem medo
de infringir a lei vedada,
desde que a causa é segredo
só entre gente inspirada.

Deus pretendendo de estrellas
ornar o noturno véo,
pensou, e, para fazel-as,
deu uns piques pelo céo.

E, quando os furos se abriram,
por onde jorrou a luz,
desses recortes sahiram
as borboletas azues.

—

Ciumes

(LUNDU')

Desterra teus vãos ciumes,
festejo a quantas são bellas !
Mas sempre a rainha dellas
és tu, Armania cruel !

De teu semblante as lindezas,
adoro n'outros semblantes,
são meus passos inconstantes,
é meu coração fiel.

Não t'o nego, com Armia
falo ás vezes em segredo ;
não t'o nego, este arvoredo
viu-me com Lilia brincar :
porem com Lilia só brinco,
por ter nos brincos teus modos !
De Armia os segredos todos
os teus me fazem lembrar.

Furtei, confesso, e tu viste,
dous beijos ou tres a Estella...
Gabavam-me os beijos della,
quiz ver se eram como os teus.
Toquei no seio de Tirse
de rosa uns botões fechados !
Tu és bella em teus enfados,
quiz ver como era nos seus !

Se a Ismene pedi cabello,
foi só por tambem ser louro,
fui rico do teu thezouro,
sem o obter da tua mão !

Amo em Gertruria o teu riso,
amo os teus olhos em Jonia;
prézo nas cartas de Aonia
tua escripta e descripção.

Um só coração me coube,
e tu és a flor das bellas!
Nem mesmo entre os braços dellas
te fôra infiel jamais!
Por distracção tenho ás outras
vezes mil teu nome dado,
e até hoje inda a teu lado
não tive enganos eguaes!

Quanto mais julgas, ingrata,
perder a tua conquista,
tanto mais se augmenta a lista
dos teus triumphos sem par!
De meu coração te queixas
serem sem conto as rainhas!
São escravas, que não tinhas;
que vão teu carro puxar.

Dez Analias te abandono,
Jonias duas, seis Themires,
e após estas quantas vires
de semblante encantador!

Armenia !... sobre aureas rodas,
por tuas rivaes levada,
has de subir coroada
ao Capitolio do Amor.

—

Trovas ao Sereno

Não quero ser teu escravo,
porque temo e com razão,
que a liberdade me prendas,
prendendo-me o coração.

Eu jurei não mais amar-te,
não te ter mais amizade,
mas agora é muito tarde,
ja não tenho liberdade.

Vae-te, carta venturosa,
vae ver a quem quero bem!
Diz-lhe que fico chorando
por não poder ir tambem.

Eu ando morto, alquebrado...
se vivo tão triste assim,
é porque vago sem rumo,
pois já não sei nem de mim.

O' rio que vaes correndo,
busca ver um bem que adoro,
se te faltarem as aguas,
leva as lagrimas que choro.

A lua, o sol, as estrellas,
os astros todos brilhando,
não têm a luz de teus olhos,
quando me estão namorando.

Costumei tanto os meus olhos
a namorarem os teus,
que de tanto confundil-os,
já nem sei quaes são os meus.

O' rosa que estás murchando,
que perdes a rubra côr,
eu tambem me vou finando,
empallideço de amor.

Regato, não corras tanto,
modera o andar ligeiro,
meus ais escuta e te juro
ser no curso companheiro.

Camelia, tua belleza
no perfume nos illude!
Tu és a belleza morta,
que não tem cheiro — a virtude.

E' tua bocca ideal
um palacio com jardim...
As portas são de coral,
os degráos são de marfim.

Quem me dera lá mandar,
como arauto do Desejo,
um pagem de seda e ouro,
que tem o nome de Beijo.

(TOM DE FADO)

—

Eulina

Eulina formosa, gentil, engraçada,
dos anjos amada vivia feliz!
Tranquilla dormia, tranquilla acordava,
a vida enfeitava de bello matiz.

Prazeres fruira da paz no regaço,
seu peito de aço ninguem dominava,
somente á verdade seus cultos rendia,
dos homens fugia, de amores zombava.

Um joven, roubando-lhe a paz de su' alma,
fingido e com calma firmeza jurou!
A candida pomba seus votos ouvindo,
nos laços cahindo tal joven amou.

Depois o fingido, sorrindo e zombando,
traidor humilhando seu bom coração,
brincando lhe disse: Que linda donzella!
Coitada, tão bella, perdeu a razão.

Atraz de um rochedo, foi louca e chorando,
na dor suspirando, seu rosto occultar,
mas logo tristonha sahiu lacrimosa,
e foi vagarosa caminho do mar.

Na praia deserta conchinhas catava,
no seio as guardava com toda a affeição,
más eis que em furores o mar se encapella,
e logo a procella despede o trovão.

A louca não teme ! Não foge á tormenta !
A onda rebenta e leva-a comsigo !
Foi lirio que as dores só teve por paga,
o seio da vaga por triste jazigo....

—

Morreu Maria

(IMITAÇÃO)

As sombras descem
da serrania,
os ventos gemem :
Morreu Maria !

As brisas passam
no fim do dia,
dizendo ás flores :
Morreu Maria !

A fonte chora
n'uma agonia,
porque, saudosa,
Morreu Maria.

A terna rola
que amor carpia,
tristonha arrulha :
Morreu Maria !

A branca lua,
que ao mar sorria,
diz, entre nuvens :
Morreu Maria.

Vesper esponta
triste e sombria,
porque, na terra,
morreu Maria.

Chora o cypreste
na louza fria,
gemendo ás auras :
Morreu Maria !

Fugiu da terra
toda a alegria,
só porque a morte
levou Maria.

Soluça a lyra
triste elegia !..
Minh' alma chora !..
Morreu Maria !

Feral saudade,
vem ser meu guia !
Chora em minh' alma !..
Morreu Maria ! !

Do Auctor.

—

E's má

Quantos queixumes,
quantos quebrantos
choram n'uns prantos
de magua e dor,
se penso, á noite,
nos tempos idos,
dias fluidos
do nosso amor ! ?

Passam na mente
mais de mil sonhos
desses risonhos
dias de então !
Guardo em segredo
cá na memoria
toda essa historia
do coração ! !..

Se tu me odeias,
mais eu te quero !
Que amor sincero
foi esse meu !

Nem te recordas,
desses protestos !...
Gelados restos
no peito teu !

Hoje, sonhando,
te quero ainda !
Amor não finda,
quando é paixão !
Eras o anjo
do bardo triste !
Porque fugiste
do coração ? !

Eu fui tão louco
crendo nas phrazes
crueis, fallazes,
que já te ouvi...
Que importa agora
viver soffrendo,
se vou morrendo
de amor por ti ?

Mas se devias,
no pranto eterno,
mostrar-me o inferno
de teu rigor,

porque primeiro
me ver fizeste
a luz celeste
de um céo de amor ?

DO AUCTOR

—

Vae, suspiro

Casta saudade,
vem dar-me alento,
leva-lhe agora
meu sentimento.

Conta meus males,
meus ais doridos,
e meus suspiros
tristes, sentidos.

Dize-lhe as maguas
que eu soffro agora,
e que por ella
minha alma chora.

Dize que eu vivo
nesta espessura
curtindo as ancias
desta amargura.

Vê se esquecido
lhe estou na mente !
Conta-lhe tudo
que o peito sente.

Dize que eu vivo
soltando ais !..
Que estas saudades
são immortaes.

ESTRIBILHO

Parte, suspiro,
não te constranjo !
Demanda os lares
desse meu anjo.

Modificada pelo auctor.

—

Fado Portuguez

Nem te leimbras, ó Maricas,
daquêllas nossas façanhas?..
cando os meus olhos te biram,
estabas a assar questanhas.

Cando os meus olhos te biram,
meu curação te adurou,
e na quêdáia dos vraços
minh' alma preza ficou.

Palavras num eram dictas,
rola o cacete no aire,
inté que fui ovrigueiado
pruma janella a seltaire.

Seltando domingo in terra
bou a tosca da Curada,
e cumbido um marinheiro,
mandei bir uma canada.

Cando o Zé põe mão no leme,
bai gritando : oh, alto lá !
O r'-paz nunca se teme
das boltas que o mundo dá.

Turrada e mais turradas,
turradas nã quêro mais,
pur cauza das tâes turradas
as filhas perdem ses paes.

Meninas cando eu murreri,
grabai lá na sipultuiria :
Aqui jaz um pêgudista,
qui murreu sem ter bintuiria.

Eu sou cantor ruxinoli,
cando bejo a minha vella !
Bou murreri apexunado...
Nã quêro a bida sem ella.

O bento truxe um r'cado
que a minha vella enbiou !
A vrisa lebou-li um veijo
da i alma quê cá ficou.

Caimões, o grande cantori
das glorias de Portugali,
pagou tambam seu balori
na enxerga d'um hospitali.

Se me xair na taluda
o surteio do Natali
dou ao demo a bersalhada,
bou ser rei de Portugali.

Quem será que está cantando
tão linda canção de fado ?
E' de certo um ruxinoli,
ou um t'-nor constipado.

Do fado sou cantadori,
cum elle fui envallado !
Até na oira da môrte,
eu quero cantari o fado.

—

Este Tango

(IMITAÇÃO)

Este tango é um rato matreiro
a roer o pão duro no armario!
Elle vale um montão de dinheiro
Vale um conto... talvez de vigario

Este tango é um livro bichado,
é nm rabo de gato ladrão,
é um queijo já velho e mofado,
é a tranca de velho portão.

E' a cara de feia coruja
é um pinto no ovo gorado,
feijoada com meia bem suja,
ou um banco de pinho quebrado.

E' chapeu de gatuno, seboso,
é um sacco de estopa vasio,
um cigano feliz, cabuloso,
é um turco gemendo com frio.

E' a ponta de gasto cigarro,
o casaco de antigo poeta,
è um lenço banhado em catharro,
é a cara de um besta e pateta.

Este tango parece a careca
de um velhote que ainda é pachola,
ou parece uma horrivel rabeca
de qualquer tocador mariola.

E' cartola cuspida, amassada,
que já sabe e conhece o que é vaia,
é a cara de velha, engelhada,
uma bota sem salto e cambaia.

E' um tanho medonho, é um jambo;
é um velho e furado lençol,
este tango parece um molambo,
ou a tampa de um grande ourinol.

Este tango parece um canudo,
um capão affogado n'um sacco,
é um preto africano beiçudo,
este tango parece um buraco.

E' um gallo pellado, uma cobra,
uma canja de sapo inda tenro,
este tango parece uma sogra
a metter o cacete no genro.

E' purgante qne a gente aborrece,
uma lata de graxa de frango,
este tango com tudo parece
mas só não se parece com um tango!

Tem a feia carranca de um frade,
uma cara exquesita e canonica!...
E' o rubro nariz de um abbade....
E' a cara da peste bubonica...

Do Auctor.

Musica do lundú — Esta polka é um dente de velha.

———

Falsa jura

Tu me juraste constancia,
fidelidade e ternura,
affeição sincera e pura,
amor que nunca tem fim !
Tu me juravas que o peito
os meus carinhos guardava
e que tua alma escutava
minha dor no bandolim !

De noite, quando nas cordas
do meu sonoro instrumento
deixava que o pensamento
se alasse aos astros do céo,
tu vinhas sobre a janella
debruçada, em mago encanto,
ouvir a voz de meu canto,
mais altivo que um trophéo.

Meu bandolim pipilava,
n'um doce e debil anceio,
seguindo o meu devaneio
que a brisa levava alem !
Ai, que ventura suprema,
em dor acerba mudada !
Ai, que tristeza acerada
agora ferir-me vem !

ESTRIBILHO

Perdi meus sonhos dourados,
não tenho mais illusão !
Os sonhos foram-se... as maguas
ficaram no coração.

Do Auctor

—

Tu dizes

Tu dizes que ando triste,
que sò me vês a scismar,
pois como queres que eu ria,
se eu soffro por te adorar ?

Tu dizes que em minha fronte
vê-se um sulco de amargura,
porque não vens apagal-o
com teu riso de ventura ?

Tu dizes que meus olhares
se cobrem de espesso véo,
mas com teu beijo oloroso
não queres mostrar-me o ceo !

Tu dizes que as minhas falas
são echos da minha dor,
mas não queres alentar-me
n'um raio de teu amor.

Tu dizes que eu vivo em trevas,
a carregar minha cruz,
porque negas um carinho,
que seja esperança e luz ? !

Tu dizes que neste fado,
nem sou vivo, nem sou morto,
mas não queres em minh'alma
accender um sò conforto.

ESTRIBILHO

Se, pois, não queres que eu viva
neste constante penar,
da-me logo um desengano
que me venha aniquilar.

Do Auctor

O soldado

Vou p'ra guerra destemido,
na victoria só pensando ;
vidas mil irei ceifando,
vencedor, jamais vencido.
Morrerei, mas te adorando
neste peito enternecido.

Nos combates, sempre ousado,
no valor serei constante !
Rubro sangue palpitante
faz a gloria do soldado.
Mas est' alma soluçamente
não te esquece, ó anjo amado !

Não receio a guerra crúa,
nem bramidos do canhão :
é de ferro o coração,
quando empunho a espada núa.
Tu me deste uma oração,
qual penhor, lembrança tua !

O combate o peito isola
das ternuras da piedade...
Combater com feridade
nossas maguas não consola,
mas acalma-se a saudade
nas dolencias da viola.

Geme a patria consternada,
por feroz inimigo oppressa!..
Vou luctar, que a dor não cessa
nesta vida amargurada!..
Não te esqueças da promessa,
que has de sempre ser amada.

Firme, erecto luctarei
contra o fado ingrato e vario!
Vou, que o ronco funerario
do canhão ja escutei!..
A bandeira é meu sudario!
Pela patria morrerei.

O furor da guerra enleia,
vou luctar, mas sem temor!
Quando a patria geme, anceia,
ninguem pensa mais no amor!
Fica em paz, ó minh' aldeia!
Adeus, Lydia, minha flor!

Para a teus pés vir depor,
louros mil irei colhendo!...
Pois teu nome irei dizendo
das metralhas no fragor!
Mas o peito vae ardendo
no clarão do teu amor!

Guarda pois os votos meus,
não te afflijas, oh, tem calma!
Guardarei bem firme os teus!...
Se vencer, é tua a palma.
Vem me dar um beijo d'alma
neste ledo e triste adeus...

Do Auctor.

Musica do Velloso.

—

Sancta Iria

(Entoada de fado)

Tocam sinos em Nabancia,
tocam sinos á porfia;
é por São Pedro e São Paulo,
que se festeja o seu dia.

A' Matriz são vindas freiras,
quantas em São Bento havia:
todo o altar um ramalhete;
o povo galas vestia.

Mas nem no altar se enlevava,
nem no povo se revia
Britaldo, filho mancebo
do que em Nobancia regia.

Curiosidade o lá trouxe
do muito que ouvio de Iria;
nunca vio freira tão linda,
nem sancta de egual valia.

Logo em a vendo foi cego,
de quanto o ceo nella ria,
Iria, é toda da gloria,
Britaldo é todo de Iria.

Desde aquella negra hora,
perdeu comer e alegria;
sonha as noites acordado,
não cuida em al todo o dia.

Promette amor e segredo,
promette ouro e pedraria,
a propria vida promette,
se ella acceital-a queria.

Marido quer a donzella,
porem de mór jerarchia,
quer delicias e riquezas,
mas não ouro e pedraria.

Quer Jesus por seu esposo,
por sogra a Virgem Maria,
o ceo por palacio e hortas,
os anjos por companhia.

Gastado dos vãos desejos,
morrer Britaldo se via:
geme seu pae Castinaldo,
chóra sua mãe Cassia.

Todo o povo anda pasmado,
que é dó ver tal louçania,
annos tão verdes, murchados,
pender para a terra fria.

Chegou a nova ao Mosteiro,
lastimou-se a bôa Iria :
deu-lhe licença a abbadessa
de ir ver a quem se morria.

Entrou manso ao pé do enfermo
que nada mais ver queria,
e disse-lhe : Sus Britaldo !
Elle acordou e tremia.

Reconhecendo ser ella,
recobrou nova alegria :
dos olhos, faces e bocca
logo a morte sacudia.

Ambos os braços alçava,
como d'antes não sohia,
e por julgal-a rendida,
abraçal-a já queria.

Como que foram serpentes,
ella os braços lhe fugia :
e contra o fogo da carne
sanctas razões lhe dizia.

E vendo que ás razões sanctas
o doente se rendia,
foi pôr-lhe as mãos na cabeça,
e disse com fé mui pia : —

«Nome do Padre e do Filho
e do espirito que alumia,
accuda-te o anjo da guarda,
salve-te a Virgem Maria. »

Palavras não eram dictas,
Britaldo mui são se erguia,
e vendo-a que se apartava,
com esta fala a seguia:—

«Da morte, sim, me has salvado,
não do Amor de que morria !
Não sei se é favor, se é damno
o que ora me has feito, Iria.

Que se jamais se me sôa
amor terrestre de Iria,
qual a vida que me has dado,
morte crua eu te daria.

Adeus, e porque vás certa
que ninguem te livraria,
por Deus te juro isso mesmo,
e pela Virgem Maria. »

Um monge dicto Remigio
a confessal-a sahia,
varão d'annos e virtudes,
o maior monge que havia.

Namorou a formozura,
da alma que núa lhe via,
Votou perdel-a e perder-se
quem lhe sempre fôra guia.

Pasmou Iria, aterrada
de tão extranha ousadia,
mas logo com gran despejo,
suas tenções rebatia.

Como veio a meia noite,
de sua cova saia,
como dava meia noite,
hervas nos montes colhia.

Misturava o sumo verde
com palavras que sabia
com seu bafo peçonhento
o sumo se denegria.

Daquella infernal peçonha
temp'rou a mesa de Iria!..
Iria estava innocente...
Nada suppunha e comia.

Comidas que teve as hervas,
logo o ventre lhe crescia,
comofoi crescendo o ventre,
logo o seio se lhe enchia.

O parecer do semblante
de panno se lhe cobria,
mostras de dona pejada
nenhuma lhe fallecia.

Foi Britaldo ter a occultos
com um que na terra havia,
acostumado a alugar-se
em qualquer malfeitoria.

« Sus, Banão, vamos, lhe disse :
bôa nova eu te daria,
que houveras tu ouro e prata
se a ferro morresse Iria. »

— Quantas monjas tem São Bento,
tantas eu te mataria !
Dá-me agora o que promettes,
que ella é morta, eu posto em via.—

Recebido o ouro e prata,
á façanha se partia :
soube em que parte da cerca
aso de a colher teria.

Nas horas mortas da noite,
quando do côro saía,
alli vinha ajoelhada
chorar mais rezas Iria !

Banão, por livrar do somno,
que no esperar-lhe crescia,
n'uma pedra, manso e manso,
a afiada espada afia.

Detem-se, que ouviu passadas !
surge, olha em redor, espia...
e n'uma lagem mui branca
de joelho avista Iria,

« Jesus, esposo dest'alma,
ó sancta Virgem — dizia:
ó celestes postetades !
ó anjo, meu casto guia !

Tirae do escandalo o povo
e o Convento da agonia,
e que eu morra...». Eis mão de ferro
que a garganta lhe tolhia.

Estas palavras maldictas
nos seus ouvidos rangia :
« Britaldo agora te mata,
Britaldo, entendes, Iria ? »

E logo um tenir de ferro,
uma espada que luzia,
a garganta attravessada,
o corpo em terra batia...

O sangue que borbotava!
E um lume que ao ceo subia
e, em roda delle, mil anjos
com celeste melodia.

O corpo da virgem martyr
lá vae na corrente fria,
nú dos habitos sagrados,
que desde a infancia trazia.

De sangue vae purpurada
por mais nobre galhardia,
dado aos ventos o cabello,
que era as velas que trazia.

Todos os anjos e archanjos
da celeste jerarchia
no fundo d'aquellas aguas
trabalharam todo um dia.

Lavraram-lhe um moimento
de pedra mui luzidia,
depois cantaram exequias
de extremada melodia.

Sobre a campa lhe entalharam
Um lettreiro que dizia :
Livre da terra, aqui pouza
a virgem mui sancta Iria.

—

Diva

Pendem da fronte mimosa,
sobre teus hombros divinos,
os cabellos ondulados,
setinosos, negros, finos.

Scintillam langues de amor
olhos tumidos de luz...
Fiquei cego de paixão,
quando os meus nelles depuz.

Dorme-lhe o collo velado
sob a nitente cambraia,
apenas desenha a forma,
quando offegante desmaia.

Qual uma estatua marmorea,
fria, muda, indifferente,
nos labios erra-lhe o riso,
riso de escarneo pungente.

Sobre o seio alabastrino
traz o symb'lo de Jesus !
Se eu pudesse, nos seus braços,
morreria até sem luz.

—

Teus Juramentos

Onde estão teus juramentos,
onde está tua affeição,
onde estão aquellas juras
que me fez teu coração ?

Muitas vezes de teus labios,
desses labios de carmim,
eu ouvia mil protestos
de só amares a mim.

No coração da mulher
nunca existiu a paixão !...
Por dentro risos fingidos,
mas por fora ingratidão.

Onde estão, teus juramentos,
onde está tua affeição,
onde estão aquellas juras
que me fez teu coração ?

—

Não Posso

Descanço, socego e calma,
se foram quando eu te vi !
Agora é soffrer calado !...
Não posso viver sem ti !

Os meus penares futuros
n'um breve instante previ,
pois hoje, meu lindo archanjo,
não posso viver sem ti.

Pois antes de ver-te, eu juro,
que nenhum mal conheci !
Mas mesmo soffrendo agora,
não posso viver sem ti.

Estou bem certo, meu anjo,
que para amar-te nasci !
Eis porque digo e redigo:
não posso viver sem ti.

Depois dessa tarde, ingrata,
quantos males já soffri !
Agora é soffrer sosinho !
Não posso viver sem ti !

—

Eulina

Chora, minh'alma,
que é morta Eulina !
Quanta amargura !..
Que horrivel sina.

Ai, quem me dera
morrer tambem!
Perdi Eulina,
meu doce bem.

Tanta belleza,
alma tão pura,
tudo sumiu-se
na sepultura.

Pois lá na campa
lhe votarei
toda a amizade
que lhe jurei!

Quanta saudade!
Que negra sina!
Chora, minh'alma!...
E' morta Eulina!...

—

Se eu escuto

Se eu escuto na matta florente
um soluço de um'ave perdida,
Vem-me lógo lembranças de um anjo,
de uma bella por mim tão querida.

Se eu escuto de tarde um gemido,
da fontiuha de limpidas aguas,
eu recordo meus dias risonhos,
e suspiro de or de de maguas.

Se nas brisas de noite encantãda,
ouço ás vezes um canto de amor,
sinto n'alma saudade de um anjo,
por quem gemo e suspiro de dor.

Se no mago arrebol matutino
ouço ao longe saudosa canção,
Vem-me logo reeordos dos tempos
em que tu me tiveste affeição !

Modificada pelo auctor.

Meu Casamento

E' triste, mas vou contar
como foi meu casamento:
Ao pae da minha futura
contei meu procedimento.

O velho pergunta logo
se eu podia me casar,
se podia dar vestidos
e sapatos p'ra calçar.

Respondi-lhe sem demora,
com toda a sinceridade:
descanse, que a sua filha
não passa necessidade.

Trabalho de noite e dia,
tenho a minha profissão,
não tenha susto, lhe peço,
que eu toco bem violão.

Sua filha por modinhas,
é louca, chora, suspira!
Não tenha susto, meu sogro,
que eu sei cantar n'uma lyra.

Casei-me afinal, e digo
que foi um bello successo!
Não riam da má figura
que fiz, não riam, vos peço.

O chapeu do meu casorio
tinha mais sebo que palha!
Com seus sessenta buracos,
pareciam uma cangalha.

A gravata, meus senhores,
era um lenço de rapé!
As botas novas mostravam
os cinco dedos do pé!

A camisa que eu vestia
nesse dia de funcção,
mandei fazel-a do panno
do sacco do meu violão.

A casaca era ja velha,
mas foi do panno melhor!
Aluguei-a por tres *lonas*
n'um gorduroso Belchior.

O collete, vos affirmo,
era de linho bem puro,
mas estava um tanto sujo,
pois achei-o n'um munturo.

A calça estava na *hora*,
tinha mais de um remendão,
e minhas meias cheirosas
estavam da côr do chão.

As luvas eram modernas,
estavam mesmo na *hora!*
Quando calcei-as, sahiram
os cinco dedos de fora.

Só vos peço que não joguem
sobre mim crueis desdens.
Do casorio o colarinho
custou-me quatro vintens.

Afinal a fatiota
de que o povo ja se ria,
em leilão fôra comprada !...
Tres patacas não valia.

A noiva com que casei
de rica não tinha nada,
para entrar na casa santa,
foi com uma saia emprestada.

Indo em caminho da igreja,
riu-se á farta a garotada,
por ver os noivos chibantes
n'uma carroça quebrada.

O jantar que eu tinha em casa
para dar aos convidados
eram canja de dois gallos
que morreram empestados.

Dous frangos ja meio podres,
que apresentei como caça,
e para as damas eu tinha
litro e meio de cachaça.

Quatro velhas compoteiras,
como enfeite, como adôrno,
e dentro da frigideira
um grande gato de forno.

Eis a historia do casorio,
que me trouxe atrapalhado!
Depois da festa tres dias,
cada um foi p'ra seu lado.

Modinha modificada pelo auctor.

—

Alva e Morena

Lelia é pallida e bella como a lua
occulta a meio em gase nebulosa;
collo e mão de alabastro transparente,
labios tingidos de punicea rosa.

E' morena Leonor, como da tarde
o vèo cinzento que sombreia a terra;
como o crepusc'lo que visões povoam,
e doces sonhos de volupia encerra.

Olhos azues, profundos como o ether,
onde o interno pensar brilha sem véo,
como as vozes do orgão, como o incenso,
Lelia nos leva o pensamento ao ceo.

Os olhos de Leonor são cor da noite,
tem, como a vaga, chispas de ardentia.
Dizem no langue brilho das pupillas
segredos que advinha a phantasia.

De ouro cendrado a coma, em desalinho,
sobre os hombros de Lelia se desata,
como os raios do sol beijando a alvura
do alpino gelo ou de nitente prata.

Como as azas do côrvo, como a noite
são negras as madeixas de Leonor,
e em espiraes luzentes se devolvem
por sobre o collo de morena côr.

O meigo olhar de Lelia me enfeitiça!
Fascina-me Leonor, com seu sorriso !
Ah ! Morrer com Leonor fôra bem doce !
E com Lelia viver, um paraiso !

De Tarde

Descamba o sol vagaroso !..
Que sombra vae pelos montes...
Nas fimbrias dos horizontes
que vespertino arrebol !
Alem a lua, que surge,
talvez amante ardilosa,
que vae sonhando, ciosa,
com o rumo que toma o sol.

Pelo remanso dos rios,
pelas quebras dos outeiros,
pelas choças dos lenheiros,
pelas mattas e sertões,
soam ternas cantilenas,
saudando a virgem de amores,
que vem nos lenindo as dores,
as dores dos corações.

D'onde vens formosa virgem,
tão cheia de sympathia?
O'meiga irmã da Poesia!
O' Tarde! D'onde vens tu?

Ah! dize que vens dos mundos
das flores de que tė incensas,
abrir as rosas das crenças
n'um peito de crenças nú.

Vem, formosa, abre em meu peito
àquella flor de chimeras,
de que vivi n'outras eras,
vida de muito sentir,
quando, a teu seio abrigado
minhas crenças embalava,
e meus olhos alongava
para as bandas do porvir.

Olha o prado! O prado é verde!..
Aos palpites dos desejos,
os amantes colhem beijos,
á sombra dos laranjaes,
e os cupidinhos das flores,
os colibris inconstantes,
a exemplo dos amantes,
se beijam nos cafezáes.

Mas eu, agora sem crenças,
a alma esteril de flores,
a vida farta de dores,
e a mocidade sem fé,

seguindo a sombra do tedio,
sou, no meio dos ditosos,
como entre arbustos viçosos,
mirrado troneo de pé !

Dá, virgem, que se renovem
em meu seio as primaveras
d'aquellas saudosas eras,
e as crenças que jà perdi !
Mas tu foges ! Não me queres !
Vou profanar-te os regaços !
Vem tu, noite, abre-me os braços,
que eu tambem anoiteci.

—

A Nossa Amizade

A nossa amizade,
ai ! já se acabou !
Assim foi a rosa
que se desfolhou.

Eu fui n'um jardim
colher uma flor,
somente p'ra dar-te,
qual terno penhor.

A nossa amizade,
meu bem, se acabou !
Assim foi a rosa
que, cedo, murchou.

Da flor que me deste
de tantos carinhos,
fiearam-me apenas
agudos espinhos.

A nossa amizade
bem cedo acabou,
foi como a rosinha
que se desfôlhou.

ESTRIBILHO

Perdôa, donzella,
que Deus perdoou
quando Magdalena
a seus pés chorou.

—

8

Ultima Vontade

Na minha modestissima penumbra,
beijo-lhe o rosto claro e a trança leve,
branca e loira, meu Deus, o sol e a neve
n'uma pureza ideal que me deslumbra.

Por isso docemente desabrocha
nas urzes da minh' alma endurecida,
flor aberta nas fendas de uma rocha,
o casto amor de toda a minha vida.

Uma existencia inteira concentrada
nessa unica flor, feita de espuma,
cuja essencia subtil e delicada
me adoça a alma e os sonhos me perfuma!

Se um dia a morte me levar, que eu leve
nas mãos cruzadas essa flor tão pura,
e a desfolhem na minha sepultura,
n'um chuveiro de petalas de neve.

—

Serenata

Murmura o trepido arroio,
alem, na veiga, á distancia,
e das auras a fragrancia,
vem embalsamando a rua !...
Canta alegre na guitarra
o trovador namorado,
da terra aos ceos elevado
nos frescos beijos da lua.

Olha que noite formosa
para conversa de amores !
Desata o laço de flores
que a trança maguar-te deve !
Mal sabes tu quanto eu amo
ver teus compridos cabellos
desfazerem-se em novellos
sobre teu collo de neve.

Olha as estrellas, que lindas !
Parece no azul celeste
que Deus com ellas se veste,
por essa noite, de gala !

Acorda, acorda ! A guitarra
que por ti geme e suspira,
nas ancias do amor delira,
de tanto cantar estala.

Cantemos, que a lua é bella,
emquanto a noite o consente,
nesta guitarra dolente,
que geme sob as meus dedos !
Descerra as amplas vidraças
e, pelas grades que vejo,
vem receber neste beijo
do meu amor os segredos !

—

Anninha

Jà que assim Amor me ordena,
Anninha sempre hei de amar,
que sò póde a dura morte
da memoria te arrancear !
Emquamto viver, te juro,
hei de sempre te adorar.

A bella rosa do prado,
o suspirar da rolinha
me fazem lembrar, saudoso,
da minha querida Anninha.
Sua fala era tão terna
como o chôro da fontinha.

As noites passo velando,
os dias passo a scismar,
e quando choro mais sinto
as dores do meu penar...
Vejo aos pés um fundo abysmo,
bem como o nauta o do mar.

Jà que assim Amor me ordena,
Anninha, fiel serei,
porque sempre, de joelhos,
a teus pés o protestei.
Embora tu me desprezes,
sempre e sempre te amarei.

Finaliso aqui meus cantos,
curtindo incessante dôr !
Ai não te esqueças, Anninha,
do teu pobre trovador !

Não te esqueças que juramos
junto aos pés do Redenptor
sincera e firme amizade,
sancto, eterno e firme amor.

—

Não Fujas

Nas horas negras da noite,
se vires um vulto ao lado,
não fujas, não tenhas medo,
escuta o que diz maguado.

Se o ceo, de horrores coberto,
bramir na voz do trovão,
se alguem chegar a teu leito,
não fujas, não temas, não.

Quando a noite fôr bem calma,
e brilhar no ceo a lua,
se um beijo queimar-te a face,
não fujas com a face tua.

Se onvires queixas sentidas
da brisa na flôr, na veiga,
não fujas, não te apavores,
os teus rigores ameiga.

O vulto que te acompanha,
que segue, fiel, teus passos,
só vive de teus olhares,
dos beijos, dos teus abraços !

—

Eu Quizera

Eu quizera um momento esquecer-te
e de ti bem distante habitar,
onde nunca pudesse ver-te,
nem ouvir em teu nome falar.

Contaria ao silencio do ermo
que o tormento suffoca o amor,
pois se ao ermo meus males contasse,
calmaria no peito esta dor.

E qual rola perdida sem ninho
eu proscripto que a patria adorou,
gemeria meus fundos lamentos
que ao bulicio meu peito calou.

Mas se alem do sepulchro gelado
tem noss'alma outra vida sem fim,
eu terei tua imagem querida,
sempre e sempre bem juncta de mim.

—

Magoas

(TOBIAS BARRETO)

Ai, que vida, que cansaço,
que triste lidar sem fim!
Tudo á força do meu braço!..
Ninguem se condoe de mim!
Dez filhos! Quanta amargura
nesta pobreza mesquinha!
Rôla, m'eu bem, filha minha,
traze-me o meu bandolim.

A noite é bella! A baunilha
deita aromas ao luar!
Anda, não ouviste, filha?
Meu bandolim... vae buscar!
Das minhas dores maguadas,
pelas auras perfumadas,
quero expandir as toadas
que á noite fazem chorar.

ESTRIBILHO

Ai, que vida, que cansaço,
que triste lidar sem fim!
Tudo a força de meu braço...
Ninguem se condoe de mim

—

Queres que eu chore?

Queres que eu ria, sorrirei meu anjo!
Queres que chore, chorarei tambem!
Queres que eu cante, cantarei na lyra!
Queres que eu morra, morrerei, meu bem.

Queres que eu gema, gemerei contente !
Queres que eu soffra, soffrerei por ti !
Queres que eu fuja, fugirei, te juro !
Queres que eu fique, ficarei aqui !

Queres que eu caia de joelho em terra,
timido escravo, juncto a ti serei !
Mas se me ordenas que te adore louco,
de Amor no throno serei mais que um rei.

Sou pobre artista, que não pode amar-te,
que não te póde revelar amor !
Por isso, ó bella, penarei calado,
soffrendo embora lacerante dor.

Humilde, pobre, sem ventura e triste
não tenho a gloria de poder te amar !
E' dura a vida do modesto artista,
que as dores sente sem poder falar.

—

Analia

Vem, Analia, ver a aurora,
surgir cheia de belleza !
Vem gosar alegremente
os mimos da natureza.

Repara como é formosa
a rosa abrindo em botão !
Vê como as flores mais vivas,
falando de amor estão !

Vê como é lindo este quadro,
do romper de um bello dia,
quando em tudo a natureza
respira amor e poesia.

Por entre as flores odoras
ternos, meigos passarinhos,
desprendem seus doces cantos,
acalentando os filhinhos.

Onde quer brilhem teus olhos,
louco amor tudo respira !
Vem, Analia carinhosa,
ouvir o som desta lyra.

Eu te amava

Mulher, eu te amava com ternos affectos,
no mundo existia somente por ti!
Teus passos seguia bem triste e calado!
pois triste chorava, chorando vivi.

Jurei-te constancia, ternuras infindas,
jurei adorar-te com muito fervor,
mas tu nem ouviste meus votos sinceros,
meus puros affectos, meus cantos de amor.

Por outro deixaste quem tanto te amava,
fugiste do peito que ainda é só teu!
Nem mais tu te lembras do tempo passado,
do tempo da infancia, que ha muito morreu.

Perdido na vida que passo tão longe
dos teus lindos olhos de brilho sem fim,
Vou triste morrendo, de dor alquebrado,
porque te esqueceste bem cedo de mim!

Esquecimento e Saudade

(Para recitar)

A soltar uns gemidos de amargura,
que a cada instante n'um momento arranca,
eu vi pouzada uma pombinha branca
na cruz singela de uma sepultura.

Em derredor brotára o triste goivo,
e, lá dentro, dormia o eterno somno,
fazia um mez apenas, no abandono,
um pobre moço, que morrera noivo.

Mas quem gemia assim sua desdita,
naquella cruz de marmore, pouzada?
Era a alma desse noivo, transformada
no corpo esbelto da pombinha afflicta.

A noiva lhe fizera uma promessa,
que o consolou bastante na agonia:
ir visitar-lhe a campa—.. e já não ia!...
esquecera-o por outro bem depressa.

E assim ficava alli horas inteiras,
sempre a carpir á cruz enegrecida
da propria sepultura, ora esquecida,
e quasi occulta pelas trepadeiras.

Passa um morcego, as azas ruflam no ar.
Vendo a pombinha, para a cruz investe,
e, firmando-se ao galho de um cypreste,
assim pergunta n'um sorriso alvar:

«O que fazes ahi, nesse retiro,
«sempre a gemer, gemer constantemente ?
«Fala». E a pombinha branca, em voz dolente,
respondeu : — Tu não vês ? Gemo e suspiro !»

«Ora, deixa-te disso... Que lembrança !
«vae-te embora d'aqui!» disse o morcego.
«Não vês que me perturbas o socego,
«que aqui dentro não ha mais esperança ?

«Não ! Nunca mais ! Aqui apenas medra
«o esquecimento em todo o seu requinte !
«Quem entra cá, no dia ja seguinte
«fica esquecido sob a fria pedra ! »

Disse, e fugiu, deixando em grande assombro
a pombinha a gemer juncto ao salgueiro !
Cantarolando alem, vinha o coveiro,
trazendo a pá sinistra e a enxada ao hombro.

Ficou deserta a cruz! Na immensidade,
pouco a pouco, perdeu-se inda um lamento !
Era esse atroz morcêgo — O Esquecimento !
E essa pombinha branca era — A Saudade.

A. LAMEGO.

Já não existe

Já não existe
minha querida,
vem, morte crúa,
roubar-me a vida.

Aquelle affecto
que eu possuia
jaz sob a terra . . .
na campa fria

Lá mesmo ainda
lhe votarei
toda a ternura
que lhe jurei.

Qual linda rosa
que a foice corta,
minha Marilia
jaz hoje morta.

Vem morte ingrata!
meu mal renova!
leva meu corpo!
p'ra mesma cova!

ESTRIBILHO

Neste momento,
nesta agonia,
vou ter com ella
na campa fria.

—

Lucinda

Sem ti não vivo,
morro sem ti!
Nasci captivo,
preso nasci.

Só tu, Lucinda,
podes ditoso
fazer-me ainda,
n'um mar de gozo.

Ai, quem me dera
nos meus espinhos
a primavera
dos teus carinhos!

Mas tu chasqueas
do meu amor!
Feroz, me enleias
no teu rigor.

Meus ternos cantos
tu repelliste !..
Só tenho prantos
na vida triste !

ESTRIBILHO

Vem, morte dura,
vem me levar !
Cesse a amargura
do meu penar !

—

A morte é sonho

Como o orvalho da noite
busca o carinho da flor,
assim minh'alma, em delirio,
suspira por teu amor !

Mas teu desprezo, insensata,
me fere, me abate e mata.

Mas se eu pudesse encontrar
nos teus labios um sorrir,
minha ventura seria
de bello e roseo porvir !

Mas com tanta crueldade,
nem, sequer, tens caridade !

Permitta Deus que algum dia
mais feliz eu possa ser,
pois a penar neste mundo,
prefiro logo morrer.

A morte é sonho dourado
para quem é desprezado.

Eu morrerei em teus braços
feliz, sorrindo sem dor,
meus labios aos teus junctinhos,
n'um beijo quente de amor !

Mas tudo é sonho dourado,
que hei de morrer desprezado !

Um Accidente

N'uma noite de luar
fui flanar (bis
na Praça da Acclamação...
Quando *bispo* uma velhota
na maciota (bis
vindo a mim, de sopetão.

Fiquei todo atrapalhado,
pois levado
fôra alli por um derriço !...
Mas a velha, que sorria,
me dizia :
Ora, moço, deixe disso !

Quiz fugir ! Mas, reflectindo,
fui sorrindo,
sem dizer-lhe não ou sim !
E só p'ra ver-lhe o carão,
disse então :
Vosmincê que quer de mim

A velhota, que se agasta,
diz-me : Basta !
Do senhor não quero nada !
Mas agora vendo-a fria,
lhe dizia :
minha velha, que massada !

Nisto a velha então suspira
e se atira
toda cheia de ternura !
E fincando-se ao pescoço,
me diz : Moço,
quero ser sua *roxura* !

As cousas estavam nisto,
quando avisto
minha bella rapariga !
De prompto mudando a telha,
disse : ó velha,
vá saindo de barriga.

Nisto chega a minha amada !...
A damnada
da velhota, n'um gemido,
diz-lhe : Jà d'aqui se ponha,
sem vergonha !
Este moço é meu marido.

Logo então com força a empurro,
dou tal murro
no maldicto do canhão,
que a velhota, como um raio,
n'um desmaio
foi de ventas para o chão.

Que se machucou pensando,
me acalmando,
quiz a peste levantar !
Mas a velha, gorda e má,
deu um tra...
um trabalho de matar.

Consideravelmente modificada pelo auctor do livro por não lhe ter sido possivel encontrar o original.

São estes versos cantados com a musica antiquissima da canção: — Seu soldado não me prenda, não me leve para o quartel.

A musica é apenas um pretexto : quasi que é recitada. Todos os versos de tres syllabas são bisados.

Beijo Quente

Tu não te ponhas com luxo!...
Não me queres dar um beijo?
Mas se as orelhas te puxo,
corada logo te vejo.

Vem dar-me agora a beijoca,
que outro dia te pedi!
Não fujas de mim, Nonoca,
que mal fazer posso a ti?

Perdoa se eu te aborreço
com phrazeados queixosos,
pois eu, meu bem, não me esqueço
dos teus beijinhos cheirosos!

Que mel que banha os teus labios,
que os pode assim perfumar?
Pois bem: respondam-me os sabios,
se em beijos podem falar.

Quem der um beijo de amor
em ti, boquinha florida,
trarà no labio um calor,
que ha de durar toda a vida.

Por isso é que eu peço agora
um só beijinho dos teus,
e minh'alma já te implora
pelo amor que tens a Deus !

Depois que o primeiro beijo
me deste na tua casa,
nasceu-me logo um desejo...
pois tenho os labios em braza.

Do Auctor.

Musica do mesmo

O Peregrino

(PAULO EIRÓ)

Sou peregrino, os vestigios
sem conta do meu bastão
atraz de mim se apagaram
no livro do coração !

Não guardo memoria alguma,
que fôra guardar em vão.

A pedra, á beira da estrada,
em que, suando, sentei,
no meu incessante gyro
de novo não a verei !..

E as flores que me sorriram,
nunca mais as colherei !

E' que o sanguè que esvaiu-se,
não pode tornar-me ao peito !
E' que os meus viçosos sonhos
me foram cahindo a eito.

O' calabouço de barro,
quando te verei desfeito ?!

Insensivel como a folha
que o vento varre do chão,
nada espero, nada temo,
ninguem amo, ninguem não !

Se alguma couisa hoje amasse,
Serias tu, meu bordão!

Tu, que nesta negra vida
não has de me abandonar!..
Tu, que sustentas meus passos!
Tu, que me falas do lar!

Tu, que nunca me trahiste!
Tu, que só me vês chorar!

Adeus! e mais esta vez
em ti, amigo, me inclino!
Separar-nos vae a morte,
mas, desde ja, te destino

para indicio, para a cruz
da cova do peregrino.

Musica de C. M.

—

Mulher, escuta

Mulher, escuta meus cantos,
mulher, não sejas assim!
Vem aparar os meus prantos!...
Ingrata, tem dó de mim.

Eu vou viver solitario
fugir do mundo enganoso,
e, cumprindo este fadario,
morrer ao longe saudoso!

Irei soffrer no deserto
sem que me possas ouvir!
O teu amor foi-me incerto....
E' força de ti fugir.

Chorei por ti noite e dia,
desfiz-me em prantos e ais!
Minhas dores escondia!..
E tu cruel mais a mais!

ESTRIBILHO

Eu parto, mulher, eu parto,
vou viver na solidão!
De maguas estou bem farto!
Levo cheio o coração...

Perdão, Francelina

Perdão, Francelina, se o peito do bardo
em novos amores tornou-se infiel,
pois tenho o remorso pungindo minh'alma,
meus labios se embebem na esponja do fel.

Amei uma virgem, tão bella, tão pura,
tão cheia de encantos, tão cheia de amor,
nos laços traidores, cahi prisioneiro . . .
Confesso, não nego que fui peccador.

Por ella deixei-te, varri teus amores
da mente illudida n'um louco sonhar !
Qual misero escravo seus pés osculava,
perdido, humilhado, sem mesmo córar.

Agora que eu volto saudoso, mas triste,
porque teus affectos vilmente deixei,
consente que um beijo deponha em teu collo,
que as minhas loucuras bem caro paguei.

Rendido, vencido, qual monstro me rojo,
qual pallido escravo, pedindo perdão,
trazendo no peito remorso invencivel,
trazendo em minh'alma mais forte paixão.

Eu parti...

Eu parti de minha terra
para ver se me esquecia
desta paixão que no peito
augmentava noite e dia.

Eu julguei fosse possivel
da memoria te varrer,
mas não crendo na morena,
em quem mais eu hei de crêr ?

Vim buscar distante della
doce allivio á minha dor,
mas é maior minha magua,
cresceu-me mais este amor !

ESTRIBILHO

Adeus morena bella !
E' triste o meu soffrer !
De ti, morena ingrata,
não posso me esquecer.

Não te amo mais

Vou deixar-te, que minh'alma
Já tem soffrido demais!
Prosternado eu te adorava...
Mas, mulher, não te amo mais!

Sob o guante dos ludibrios,
dos eculeos infernaes,
penetrei no tetro averno...
Mas, mulher, não te amo mais!

Cuspinhado, pobre, atado
n'um supplicio de punhaes,
rastejei aos pés, vilmente....
Mas, mulher, não te amo mais!

Tudo um dia se anniquila....
Nossas dores são mortaes!...
Eu te amei perdidamente...
Mas, mulher, não te amo mais!!.

Volvo ao sol da Liberdade,
Cessem, pois, meus tristes ais!
Já te quiz, já te amei muito....
Mas, mulher, não te amo mais!

DO AUCTOR

Já não posso

Já não posso soffrer os martyrios
que até hoje, chorando, soffri,
de penar vou morrer muito moço,
é preciso que eu fuja de ti.

Minhas crenças se foram murchando,
os meus olhos seccaram por fim,
mas nas minhas crueis amarguras
nem, sequer, tú pensavas em mim.

Já não posso com tantos rigores,
quero agora sem ti descançar,
que estes males que o peito abafaram,
não me podem de todo matar.

ESTRIBILHO

Viverei cá distante tranquillo,
pois que emfim do sonhar acordei,
mas vim só, que minha alma fugio-me,
quando o beijo primeiro te dei.

Muito modificada pelo auctor

O Capanga Eleitoral

MELIORIBUS ANNIS

Foram-se os tempos em que as honras tive
d'alto fidalgo, de marquez até !
Era meu sceptro meu cacete dextro,
meu throno, as caras onde eu punha o pé !

Quantas victorias não contei nos dias—
do meu reinado— que já lá se vão !
Cartas eu dava, bajulado eu era...
tinha excellencias n'uma eleição !

Fugir fazia de meus pulos *cueras*
dez mil *urbanos*... sempre fui de lei !
Na cabeçada esbodeguei mil caras,
n'uma rasteira muitos tombos dei !

Quando eu pulava, qual cabrito novo,
gingando á frente de uma procissão,
alas abria n'um volteio doido !...
Rodopiava mais do que um pião.

N'um passe breve da navalha minha,
pelo gostinho de estreal-a só,
riscava um traço de união com sangue
n'um gordo ventre, sem pezar nem dó !

Tive taes honras, que na propria egreja,
tirei sem magoas, muita vida ruim!
A minha faca não fazia graças...
Deos parecia recear de mim!

Não tinha pernas no sambar sestroso,
quando a creoula avelludando o olhar,
se desfolhava em contracções dengosas,
e vinha o peito de paixão magoar!

Mas, ai d'aquelle que a tentar quizesse!
N'um bello samba sempre fui tútú!
Fazia o "cujo" dár no chão dois beijos...
sacava a "bicha" sem mais nada... **fú!!**...

Mas se a creoula desse corda ao cabra,
pagava caro por querer trahir!
Pois o meu ferro sempre alerta e prompto,
nunca fez graças p'ra ninguem sorrir!

Eu fui turuna e fui moleque "cuera,
"destabocado", mas, aos meus, leal!
No pé, no ferro e no cacete dextro...
na capangagem nunca vi rival!

Meu nome légo ás tradições da patria
Altos poderes com a cabeça eu dei!...

De muita "bêsta" fiz um deputado...
Da monarchia "fui" segundo rei!

Deixo meu nome ás tradições da patria!
Eu fui "nagôa" destemido... olé!
A minha gente nem do rei temia,
quando eu nos rôlos espalhava o pé!

Hoje estou velho, esbandalhado e pobre,
mas a "faceira" (*) trago sempre cá!
Foram-se os tempos de prazer, de glorias...
mas muito sangue derramei eu já!

Arrebatou-me a magestade um dia
um chefe ingrato — Sampaio Ferraz!
Fui p'ra Fernando de Noronha logo...
Que um raio o parta e que me deixe em paz!

DO AUTOR

Musica do — **Nasci como nasce**, com brevissimas modificações.

(*) A faca.

FIM

INDICE